

UM CAMINHO PARA AUMENTAR AS COMPETÊNCIAS

NECESSÁRIAS PARA VIVER NUM

MUNDO DIVERSIFICADO

MANUAL DO JOGO

CULTURE  
CROSSOVER



**Autora:** Katarzyna Błasińska

© **Copyright by** Author & Fundacja Instytut Równowagi Społeczno-Ekonomicznej, Gdańsk 2022

**Capa e design:** Sara Podwysocka

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um endosso do conteúdo, que reflete apenas as opiniões dos autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito da informação nela contida.



Co-funded by the  
Erasmus+ Programme  
of the European Union



## INTRODUÇÃO

A comunicação intercultural não é um tema novo, também na área do trabalho com jovens. Torna-se mais importante com a intensificação da migração, e altera os locais de trabalho e os bairros. Grupos multiculturais de pessoas não são apenas a realidade de empresas internacionais, mas também de escolas, universidades e organizações. Quando duas ou mais pessoas com origens culturais diferentes interagem e comunicam entre si ou com outros, podemos dizer que a comunicação intercultural está a ocorrer. Assim, a comunicação intercultural pode ser definida como a partilha de informação em diferentes níveis de consciência entre pessoas com diferentes origens culturais. A comunicação intercultural eficaz é uma habilidade essencial para quem trabalha em diferentes países ou regiões para estabelecer relações harmoniosas e evitar conflitos. É essencial transferir informações de forma precisa e adequada entre países e culturas. Uma das barreiras da comunicação intercultural efetiva é o etnocentrismo, que é a suposição de que todos veem o mundo da mesma forma que nós. Muitas ferramentas e métodos de trabalho no tema da aprendizagem intercultural foram desenhados para sublinhar as semelhanças entre as pessoas e as suas necessidades comuns. O jogo “Culture Crossover” foi criado como uma resposta à lacuna de ferramentas educacionais que incentivem os alunos e alunas a ir além da sua própria perspetiva e desenvolver a sensibilidade intercultural, ajudando-os a passar do etnocentrismo ao etnorelativismo.

O jogo foi criado por seis organizações: IRSE da Polónia, Make it Better e Sugo Design de Portugal, Elios da Itália, KulturLife da Alemanha, I-Participate da Grécia, com o apoio de um Grupo de Jovens que participou no desenvolvimento de cada fase. O jogo foi concebido como uma ferramenta a utilizar por educadores e formadores em situações educativas formais e não formais, mas pode ser utilizado também por indivíduos

interessados em desenvolver as suas competências interculturais.

Este manual é o documento de apoio para formadores e educadores que queiram conhecer a aprendizagem intercultural antes de utilizar o jogo com os alunos/as.

## RESUMO

O primeiro capítulo do manual descreve brevemente a compreensão de cultura e de comunicação intercultural, e também apresenta os dois modelos de aprendizagem intercultural que serviram de base para a criação do jogo: a Teoria das Dimensões Culturais de Hofstede e o Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural.

O segundo capítulo apresenta as competências necessárias para a aprendizagem intercultural: os conhecimentos e habilidades, atitudes, sentimentos e comportamentos.

No terceiro capítulo são descritas diferentes abordagens e aspetos-chave a serem considerados pelos facilitadores para tornar os processos de aprendizagem intercultural significativos.

O quarto capítulo apresenta o jogo e as possibilidades de uso durante as aulas/sessões. Inclui dicas para facilitadores, que resultaram do teste do jogo, e algumas inspirações para o seu uso em diferentes contextos e com diferentes grupos-alvo.

Esperamos que o manual o ajude a facilitar a aprendizagem intercultural e, juntamente com o jogo, lhe traga inspiração para descobrir e apreciar as diferenças.

*A comunicação intercultural eficaz é uma habilidade essencial para quem trabalha em diferentes países ou regiões para estabelecer relações harmoniosas e evitar conflitos*

## 1. TEORIAS DE APRENDIZAGEM INTERCULTURAL

Há uma grande variedade de definições de cultura dependendo da formação do cientista, da época em que foi criada, da região geográfica e da necessidade por trás dela. Por muito tempo cultura, na psicologia intercultural, foi definida como normas, valores e comportamentos característicos de determinados grupos de pessoas e reconhecidos por esses mesmos grupos (ainda que algumas pessoas não estivessem em conformidade com as 'normas'). Esta abordagem é inadequada no contexto atual, em que as pessoas muitas vezes migram de um lugar para outro, viajam, tanto física quanto virtualmente, e vivem em interação contínua com outras pessoas. Além disso, esta visão reducionista da cultura tem um efeito limitador na compreensão humana, fornecendo teorias e metodologias inadequadas para a realidade dos jovens e promovendo análises e soluções simplistas para problemas complexos.

Na visão construtivista, a cultura é definida através das interações entre as pessoas, é fluida na sua expressão e evolui continuamente, adaptando-se às realidades vividas pelos seus membros. A cultura evolui e remodela-se ao longo dos anos; sendo influenciada pela interação de seus membros com membros de outras culturas e com o seu ambiente, por intercâmbios culturais e económicos e pela globalização.

A forma como vemos a cultura tem consequências para a interpretação da realidade cultural; ela influencia a nossa interação com outras pessoas e a maneira como entendemos a nossa identidade e as identidades dos outros. A cultura é a forma como as pessoas organizam o mundo ao seu redor. É um acordo social de como as coisas são agrupadas e de qual é a sua importância. O grupo concorda com o significado de cada coisa e sobre a forma como a mesma é expressa dentro do grupo. Isso leva a que as mesmas coisas possam ser vistas de forma diferente dentro de diferentes grupos de pessoas, incluindo a sua hierarquia, e, às vezes, as mesmas coisas podem ter significados diferentes. A comunicação intercultural

ral tenta entender e descrever essas diferentes culturas para facilitar a comunicação. Com base nisso, cada grupo pode ser descrito de acordo com as suas diferentes características. A maioria dos membros do grupo encaixar-se-á nessa descrição e seguirá o mesmo caminho, mas é claro que haverá pessoas que podem pensar e comportar-se de maneira diferente.

A aprendizagem intercultural promove a visão de que nenhuma cultura é melhor ou pior do que a outra, e que não existe uma hierarquia de culturas. Leva a um entendimento de que a definição de grupos, de pertença, de grupos internos e grupos externos pode ser superficial e mutável. A aprendizagem intercultural reconhece que existem características gerais de uma cultura, mas há também uma multiplicidade de especificidades relacionadas à forma como uma cultura é vivida e que as próprias culturas são internamente heterogêneas. Portanto, em vez de colocar as pessoas em “caixas de cultura”, analisa como as pessoas são influenciadas de forma diferente pela sua cultura dominante, como se identificam com características de várias culturas e como criam o seu próprio mosaico de identidade. Colocar as pessoas em caixas por causa do seu passaporte, do seu local de nascimento, da sua aparência ou de qualquer outro elemento que reforce o potencial de estereótipos (vendo, por exemplo, os participantes de uma formação internacional como “embaixadores” de seu país) é uma forma tendenciosa de se envolver na aprendizagem intercultural. Só porque as pessoas nasceram ou vivem

*A análise na comunicação intercultural seja feita ao nível do grupo, o que significa que utiliza a generalização como forma de descrição*

*A visão de que nenhuma cultura é melhor ou pior do que a outra, e que não existe uma hierarquia de culturas*

*A cultura é definida através das interações entre as pessoas, é fluida na sua expressão e evolui continuamente, adaptando-se às realidades vividas pelos seus*

*A cultura é a forma como as pessoas organizam o mundo ao seu redor*



num determinado país, isso não significa que elas possam falar por toda a população ou que possam ser responsabilizadas pelas decisões do seu governo. Os processos de aprendizagem intercultural apoiam os participantes na compreensão do impacto do contexto cultural no desenvolvimento da sua identidade e nas suas relações interpessoais e interculturais.

## MODELOS E TEORIAS DE APRENDIZAGEM INTER-CULTURAL

Vários modelos teóricos explicam as relações interculturais nas nossas sociedades, definem a competência intercultural ou descrevem os processos de aprendizagem intercultural. Os modelos teóricos, aplicados às realidades históricas e sociais, ajudam a formar quadros de referência que, por sua vez, ajudam a desenvolver melhores maneiras de enfrentar os desafios nas atividades educacionais. No desenvolvimento do jogo, baseamo-nos principalmente em dois modelos: Teoria das Dimensões Culturais de Hofstede e Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural.



### TEORIA DAS DIMENSÕES CULTURAIS DE HOFSTEDE

A Teoria das Dimensões Culturais de Hofstede, desenvolvida por Geert Hofstede em 1980, é uma estrutura usada para entender as diferenças culturais entre os países e para discernir as formas como os negócios são feitos em diferentes culturas.

Hofstede identificou seis categorias que definem a cultura:

- ✓ Índice de Distância do Poder
- ✓ Coletivismo versus Individualismo
- ✓ Índice de Aversão à Incerteza
- ✓ Feminilidade vs. Masculinidade
- ✓ Orientação de Curto Prazo vs Longo Prazo
- ✓ Restrição vs. Indulgência

*A Teoria das Dimensões Culturais de Hofstede, desenvolvida por Geert Hofstede em 1980, é uma estrutura usada para entender as diferenças culturais entre os países e para discernir as formas como os negócios são feitos em diferentes culturas*

As culturas foram descritas através dessas seis categorias e colocadas numa escala (de 0 a 100). Os resultados desta pesquisa e a descrição dos países estão disponíveis em COUNTRY COMPARISON. A teoria considera que a descrição de cada cultura é relativa, o que significa que ela só pode existir em comparação com outras culturas. Números puros na balança não nos darão muita informação. Somente adicionando uma segunda cultura, ou comparando com a nossa própria cultura, podemos entender as (potenciais) diferenças e o seu significado na comunicação.

### BREVE DESCRIÇÃO DAS DIMENSÕES CULTURAIS

- ✓ **Índice de Distância do Poder** descreve a atitude da cultura em relação às desigualdades entre os membros do grupo. Nas culturas com alta distância do poder as pessoas aceitam as desigualdades, o que é visível na forte hierarquia e nas relações verticais em escolas, universidades e locais de trabalho. As decisões são muitas vezes tomadas por pessoas com posições hierárquicas mais elevadas (por causa da idade, sexo, educação etc.). Nas culturas com baixa distância do poder os valores tendem a ser mais igualitários: as crianças podem discutir com os pais, os alunos podem discordar abertamente dos professores e no trabalho a opinião de cada pessoa, independentemente da sua posição, tem o mesmo valor.

- ✓ **Coletivismo vs. Individualismo** refere-se ao grau de integração dos indivíduos em grupos e quão fortes são os elos entre os membros do grupo. As sociedades individualistas enfatizam a realização pessoal e os direitos individuais e concentram-se nas necessidades pessoais. Por outro lado, as sociedades coletivistas enfatizam mais a importância dos relacionamentos e da lealdade e os indivíduos são considerados como parte do grupo.

*É importante que a análise na comunicação intercultural seja feita ao nível do grupo, o que significa que utiliza a generalização como forma de descrição*

*A atitude da cultura em relação às desigualdades entre os membros do grupo*

*Grau de integração dos indivíduos em grupos e quão fortes são os elos entre os membros do grupo*

*Forma como a sociedade lida com a questão de que o futuro nunca pode ser conhecido*

- ✓ **Dimensão de Aversão à Incerteza** refere-se à forma como a sociedade lida com a questão de que o futuro nunca pode ser conhecido, quão facilmente é aceite o destino ou a fortuna e quão forte é a necessidade de controlo. Um alto índice de aversão à incerteza indica uma baixa tolerância à incerteza, ambiguidade e assunção de risco. O desconhecido é minimizado por meio de regras restritas, regulamentos, etc. Um baixo índice de aversão à incerteza indica uma alta tolerância à incerteza, ambiguidade e risco. O desconhecido é aceite mais abertamente e há menos necessidade de regras e regulamentos.

*A preferência da sociedade pela realização*

- ✓ **Feminilidade vs. Masculinidade** considera a preferência da sociedade pela realização, a sua atitude em relação à igualdade de género e o seu comportamento. As culturas masculinas são impulsionadas pela competição, realização e sucesso - o objetivo é ser o melhor, na escola, no trabalho, etc. As culturas femininas cuidam dos outros e da qualidade de vida (que é sinal de sucesso), e destacar -se da multidão não é admirável.

*Até que ponto a sociedade vê o seu horizonte temporal*

- ✓ **Orientação de Curto Prazo x Longo Prazo** considera até que ponto a sociedade vê o seu horizonte temporal. A orientação de longo prazo mostra foco no futuro, enfatiza a persistência, e perseverança e o crescimento a longo prazo. A orientação de curto prazo mostra foco no futuro próximo, enfatiza mais o presente, bem como resultados rápidos e respeito pela tradição.

*A forma como as sociedades controlam os seus impulsos e desejos*

- ✓ **Restrição vs. Indulgência** reflete a forma como as sociedades controlam os seus impulsos e desejos. A indulgência indica que a sociedade per-

mite gratificações relativamente gratuitas relacionadas com o aproveitar a vida e a diversão. A restrição indica que a sociedade suprime a gratificação das necessidades e regula-a através de normas sociais.

A teoria de Hofstede foi criada há pouco mais de 40 anos a partir de pesquisas feitas nas grandes empresas, que não refletem a diversidade da sociedade. Especialmente nos dias de hoje, quando as pessoas viajam muito e estão sob a influência de diferentes culturas, pode parecer que está ultrapassada. No entanto, ainda é o ponto de referência em muitos cursos de orientação, em negócios, na diplomacia e pode ser o ponto de partida para descobrir as diferenças culturais. É importante destacar novamente que a teoria não considera o julgamento e a divisão em culturas 'boas' e 'ruins'. À medida que interagimos com outras culturas que não a nossa, tornamo-nos mais conscientes dos aspetos da nossa própria cultura, que de outra forma poderiam ser invisíveis para nós, e das diferenças e semelhanças entre a nossa cultura e a dos outros. Esse processo, considerando a dinâmica da cultura, é descrito pelo Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural.





## MODELO DE DESENVOLVIMENTO DE SENSIBILIDADE INTERCULTURAL

*O pressuposto do modelo é que a percepção de cultura pode mudar de acordo com a experiência e tornar-se mais complexa*

O Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural (DMIS) desenvolvido por Milton J. Bennett é uma estrutura que explica como as pessoas experimentam e lidam com as diferenças culturais. O pressuposto do modelo é que a percepção de cultura pode mudar de acordo com a experiência e tornar-se mais complexa, suportando o potencial do uso da comunicação na comunicação intercultural. Ao reconhecer como a diferença cultural está a ser vivenciada, podem ser feitas previsões sobre a eficácia da comunicação intercultural e as intervenções educacionais podem ser adaptadas para facilitar o desenvolvimento ao longo do tempo.

*O caminho para ir do etnocentrismo - a experiência da própria cultura como "central para a realidade" - ao etnorelativismo - a experiência da própria cultura, e de outras, como "relativa ao contexto"*

O DMIS descreve como as pessoas percebem as diferenças culturais e qual é o caminho para ir do etnocentrismo - a experiência da própria cultura como "central para a realidade" - ao etnorelativismo - a experiência da própria cultura, e de outras, como "relativa ao contexto". O modelo é um contínuo de seis estágios de sensibilidade intercultural. Nos estágios etnocêntricos a tendência é evitar a diferença cultural, enquanto nos estágios etnorelativos a tendência é procurá-la.

**Etnocentrismo** – A pessoa vivencia a sua própria cultura como central para a realidade e mantém a suposição de que sua visão do mundo é superior à dos outros. As fases do etnocentrismo:

| Fases Etnocêntricas |          |             |
|---------------------|----------|-------------|
| Negação             | Rejeição | Minimização |

- ✓ **Negação** – A própria cultura é vivenciada como a única real. A negação pode ser baseada no isolamento ou na separação, e pressupõe que as pessoas não tiveram a hipótese de ver e experimentar outras culturas. Atualmente esta situação parece ser quase impossível, mas o isolamento parcial ainda é possível. Às vezes, as pessoas podem construir intencionalmente as barreiras para se separar dos outros que querem manter à distância (por exemplo, guetos).
- ✓ **Rejeição** – Quando as pessoas percebem as diferenças culturais e reconhecem a sua existência, a primeira reação é lutar contra isso. Aqui, a diferença cultural é percebida como ameaçadora. A própria cultura é experimentada como a única viável. O mundo está organizado em "nós" e "eles" e muitas vezes as pessoas vêem as outras culturas como piores e menos valiosas do que a sua.
- ✓ **Minimização** – Nesta etapa as pessoas não lutam mais com as diferenças culturais, mas minimizam a sua importância nas relações e na comunicação. As pessoas vêem os diferentes elementos da sua própria cultura (como valores, normas, comportamentos) como universais, aplicando-se em qualquer contexto cultural. Muitas vezes as pessoas destacam o facto de que "somos todos humanos" e todas as nossas necessidades podem ser atendidas da mesma maneira.

| Fases Etnorelativas |           |            |
|---------------------|-----------|------------|
| Aceitação           | Adaptação | Integração |

Fonte: visualização adaptada de Bennett (1986)

**Etnorelativismo** – A diferença é reconhecida e respeitada; não é mais percebida como uma ameaça, mas como algo que precisa de ser procurado para poder progredir. A própria cultura é vivenciada no contexto de outras culturas. Fases do etnorelativismo:

☑ **Aceitação** – Nesta fase as pessoas reconhecem as diferenças culturais, aceitam comportamentos diferentes e podem compreender os valores que lhes estão subjacentes. Isso não significa que as pessoas concordem com as outras culturas, mas as diferenças não são julgadas com base em visões do mundo etnocêntricas e hierárquicas. As pessoas aceitam que a sua visão do mundo é uma entre muitas, nem melhor nem pior.

☑ **Adaptação** – Nesta fase, as pessoas têm a experiência de interagir em diferentes culturas e adicionar elementos escolhidos de diferentes visões do mundo à sua própria cultura. A cultura não é vista como algo que se tem, mas mais como um processo. Adaptação significa uma extensão da cultura, não abrindo mão da sua ou trocando-a por outra. O ponto central para a adaptação é a empatia, a capacidade de entender os outros assumindo a sua perspectiva. As pessoas nesta fase podem adaptar a forma de comunicação a diferentes contextos para serem mais eficientes.

☑ **Integração** – Nesta fase as pessoas não pertencem a uma cultura, mas adaptam-se constantemente a realidades e situações em mudança. Têm a capacidade de avaliar diferentes situações e visões do mundo a partir de uma ou mais perspectivas culturais. Os indivíduos neste estágio são marginais a todas as culturas e, portanto, criam as suas próprias realidades. Este pode ser um lugar muito desconfortável (se as pessoas não assumem a responsabi-

lidade pela realidade que criam), mas também é um estado poderoso. As pessoas neste estágio estão bem preparadas para atuar como mediadores culturais.

O DMIS pode ser um bom ponto de partida para o desenho de programas educacionais para o desenvolvimento da sensibilidade intercultural. O modelo não precisa ser interpretado estritamente em termos de estágios; também pode ser visto como diferentes estratégias, que são aplicadas de acordo com as circunstâncias e habilidades, para lidar com a diferença.

## 2. COMPETÊNCIA DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

A competência intercultural é a capacidade de reconhecer a forma como a cultura afeta o comportamento, e de adaptar o seu estilo de comunicação aos seus interlocutores - sem abrir mão da sua própria autenticidade. Como as competências podem ser desenvolvidas intencionalmente, o processo de desenvolvimento pode ser planeado tanto pelo aprendiz quanto pelo educador. Uma competência é entendida como a capacidade de fazer algo bem e incorpora o conhecimento, a atitude e o comportamento. O processo de desenvolvimento das competências interculturais pode incluir:

*Uma competência é entendida como a capacidade de fazer algo bem e incorpora o conhecimento, a atitude e o comportamento*

- ☑ O conhecimento sobre os factos importantes relativos ao lugar (história, geografia)
- ☑ A compreensão da etiqueta (o que fazer e o que não fazer)
- ☑ A compreensão da situação do ponto de vista local
- ☑ A compreensão crítica das diferentes visões do mundo

Os autores da “Autobiografia de encontros interculturais” (Conselho da Europa 2009) usaram o seguinte modelo de competência intercultural, para enquadrar uma série de elementos identificáveis que um indivíduo pode desenvolver para estar “equipado” para encontros interculturais.

O conhecimento de como os grupos sociais e as identidades sociais funcionam não se aplica, necessariamente, a uma cultura em particular, mas sim à compreensão geral da função da cultura. Pode incluir:

- ✓ **conhecimento sobre outras pessoas** – factos sobre o país/região das pessoas que conhecemos, mas também os fatores que criam as pessoas como elas são;
- ✓ **conhecimento sobre processos sociais** – entender como as pessoas interagem ao nível de grupo e individual. Isso envolve a consciência das próprias suposições, preconceitos, estereótipos e preconceitos;
- ✓ **consciência da própria cultura** - ter percepção crítica da própria cultura na comparação com as demais;
- ✓ **competências de interpretação e relacionamento** – ser capaz de interpretar e compreender o significado de documentos ou eventos de outras culturas;
- ✓ **consciência cultural crítica** – estar ciente dos próprios valores e torná-los explícitos nas interações com outras pessoas.

Atitudes e sentimentos:

- ✓ **reconhecer as identidades dos outros** – reconhecer as diferenças entre as pessoas e aceitar diferentes valores e percepções;
- ✓ **respeitar a diferença** – compreender os outros, reconhecendo as suas identidades e evitando colocá-los em caixas preconcebidas. Envolve a vontade de relativizar os próprios valores, crenças e comportamentos, não assumir que são os únicos corretos;
- ✓ **ter empatia** – ser capaz de assumir a perspetiva de outra pessoa, entender os seus pensamentos, os seus sentimentos, as suas opiniões e motivos, e não assumir que só existe uma maneira de lidar com a situação;
- ✓ **autoconsciência e autoconhecimento** - identificar e nomear emoções positivas e negativas associadas a conhecimentos e comportamentos;
- ✓ **tolerância à ambiguidade** – aceitar a ambiguidade e a falta de clareza e ser capaz de lidar com isso de forma construtiva. Isso significa ser capaz de compreender as ideias, sentimentos e intenções das outras pessoas, aceitando que pode haver múltiplas perspetivas e interpretações de qualquer situação, mas também mostrar interesse real no que as outras pessoas sentem e como percebem as situações.

Comportamentos:

- ✓ **flexibilidade** – adaptar o seu comportamento a novas situações e ao que os outros esperam;
- ✓ **sensibilidade** – ser capaz de reconhecer diferentes convenções verbais e não verbais e negociar regras adequadas à comunicação intercultural.

*No processo de desenvolvimento de competências interculturais é importante desenvolver a consciência da própria cultura*

No processo de desenvolvimento de competências interculturais é importante desenvolver a consciência da própria cultura, que pode não ser tão óbvia à primeira vista. A nossa própria cultura é o nosso ecossistema natural e sem interação consciente com outras culturas nós muito raramente refletimos sobre ela. Ninguém precisa de pensar nas normas e nos comportamentos esperados quando está rodeado por eles. A reflexão sobre as diferenças pode aparecer quando vemos a nossa cultura no espelho do outro. E nem sempre o reflexo será o mesmo. Quando estamos conscientes da nossa própria cultura, podemos reconhecer as diferenças e desenvolver a capacidade de beneficiar delas.

### 3. FACILITAÇÃO DA APRENDIZAGEM INTERCULTURAL

Quando falamos de uma facilitação efetiva, o aprendiz assume a responsabilidade pelo processo de aprendizagem. O papel do/a facilitador/a não é transmitir o conhecimento, mas sim encorajar os alunos e alunas a fazer perguntas e procurar respostas, partilhar o conhecimento, pensar criticamente e permanecer curioso/a. A responsabilização dos alunos e alunas é um dos princípios da educação não-formal

e o papel do/a facilitador/a é, à sua maneira, apoiá-los/as. No entanto, formadores/as e facilitadores/as trazem as suas qualidades pessoais, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, os próprios interesses e origens culturais para o processo de aprendizagem. Por esta razão, alguns aspetos devem ser tidos em consideração na preparação e execução de processos de aprendizagem intercultural.

#### CONSIDERAÇÃO DOS MICRO E MACRO-CONTEXTOS

A aprendizagem intercultural não se concentra nos indivíduos, mas nos grupos de pessoas, na sociedade em geral. Falar de cultura não deve ser reduzido a tradições e celebrações, mas deve ter em conta o contexto sociopolítico local e internacional, a realidade social e a história, que podem ajudar a compreender a razão pela qual as pessoas se comportam de determinada forma e quais os valores adjacentes.

#### CONSCIÊNCIA DA PRÓPRIA CULTURA E DESCOBERTA DAS DIFERENÇAS

Descobrir e aceitar a diversidade do mundo (ou a diversidade do grupo) começa a partir da consciência da própria cultura. A aprendizagem intercultural não é apenas uma oportunidade de aprender sobre pessoas com diferentes origens culturais, mas também de aprender sobre si mesmo. Muitas vezes a aprendizagem intercultural é entendida como o conhecimento sobre o que fazer e o que não fazer na interação com diferentes culturas, embora seja muito mais profunda do que isso. A aprendizagem intercultural inclui a compreensão de como as condições sociais, económicas e políticas influenciam os comportamentos das pessoas, o que ajuda a compreender a visão do mundo dos outros.

#### O COMPROMISSO DE PROMOVER A MUDANÇA SOCIAL

A aprendizagem intercultural visa não apenas a celebração da diversidade, mas inclui a correção da desigualdade e a promo-

*Formadores/as e facilitadores/as trazem as suas qualidades pessoais, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, os próprios interesses e origens culturais para o processo de aprendizagem*



ção da mudança social. Ao conhecer as diferentes culturas, as suas histórias e realidades, também podemos desenvolver a nossa consciência sobre discriminação, desigualdade e injustiça em relação a esses grupos. Podemos descobrir quais as culturas dominantes e quais as que não são visíveis, e entendermos a razão por trás disso para agir na promoção da justiça social.



### PROCESSO EM ANDAMENTO

A cultura é dinâmica e ajusta-se às mudanças sociais, políticas e económicas. Aprender sobre as culturas é um processo contínuo ao longo da vida. Estamos a alterar a nossa visão do mundo com a experiência adquirida e as competências desenvolvidas, mas a realidade também está em alteração. A aprendizagem intercultural envolve a busca de novas formas de desenvolver as competências, conhecer as situações atuais, compreender a dinâmica das mudanças e enfrentar a complexidade da situação.



### FALAR É FÁCIL!...

Os/As formadores/as e facilitadores/as de processos de aprendizagem intercultural têm a responsabilidade de se comportarem de forma a refletir as competências que desejam que os/as participantes desenvolvam. É importante manter a coesão entre as palavras e seus próprios comportamentos e atitudes, tanto na vida quanto no espaço de aprendi-

zagem. Quando incentivamos os alunos e alunas a descobrir as diferenças, a fazer perguntas e a manterem a curiosidade, eles também esperam isso de nós. No espaço de aprendizagem isto pode significar reagir a todos os comentários e comportamentos discriminatórios. Deve ficar claro para todos que racismo, preconceito ou qualquer tipo de discriminação não tem lugar na sala.

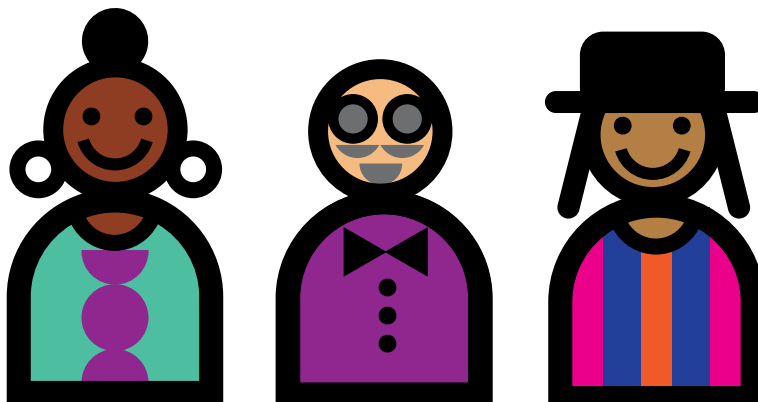
Na facilitação do processo de aprendizagem intercultural pode ser útil ter conhecimento sobre direitos humanos, mas também sobre estereótipos, preconceitos e discriminação. A aprendizagem intercultural facilita o reconhecimento de que os direitos humanos se aplicam a todos os seres humanos, independentemente das origens culturais e das desigualdades que ainda existem na prática. Conhecer os direitos humanos garante que a aprendizagem intercultural seja compreendida dentro de um quadro de igualdade e, portanto, proteção contra qualquer forma de discriminação. A perspectiva intercultural exige reconhecer que a realidade é plural, complexa, dinâmica e mutável. A própria formação e crenças de cada um atuam como lentes culturais através das quais se pode ver o mundo. Compreender a pluralidade da sociedade significa tomar consciência das limitações da própria perspetiva, e dessas lentes, na interação com os outros.

O processo de facilitação é fomentado pela abertura e tolerância do/a formador/a ou facilitador/a. Pode implicar lidar com a incerteza de novas situações, mas também concordar com valores, normas e visões diferentes do mundo. Envolve a capacidade de entender que há mais de um conjunto possível e correto de valores, atitudes e crenças, mas nunca envolve o acordo para agir contra a dignidade humana e os direitos humanos.

Além do conhecimento e da atitude, a habilidade que pode ser desenvolvida pelos/as facilitadores/as ou formadores/as da aprendizagem intercultural é a empatia, e mais especificamente a empatia cognitiva, que envolve ser capaz de com-

*Na facilitação do processo de aprendizagem intercultural pode ser útil ter conhecimento sobre direitos humanos, mas também sobre estereótipos, preconceitos e discriminação*

*O processo de facilitação é fomentado pela abertura e tolerância do/a formador/a ou facilitador/a*



*A empatia cognitiva, que envolve ser capaz de compreender o estado mental de outra pessoa e o que ela pode estar a pensar em resposta à situação*

preender o estado mental de outra pessoa e o que ela pode estar a pensar em resposta à situação. Considera-se compreender a situação, posição, formação e valores de alguém para, na etapa seguinte, compreender os seus sentimentos em determinadas situações. A empatia não é tão fácil quanto parece. Para podermos estar mais próximo das necessidades e dos sentimentos de outra pessoa, é necessário fazer perguntas, ouvir e ir além da própria imaginação e dos sentimentos projetados.

## 4. O JOGO COMO FERRAMENTA DE APOIO

### À APRENDIZAGEM INTERCULTURAL

A ideia do jogo Culture Crossover nasceu como uma resposta à limitação de ferramentas para a aprendizagem intercultural, visando desenvolver o pensamento crítico e a compreensão de diferentes perspetivas e visões de mundo. Muitas ferramentas utilizadas no trabalho com jovens e jovens adultos são baseadas em simulação e colocam os/as participantes numa cultura abstrativa, que não está necessariamente ligada à realidade. Por outro lado, existem muitas ferramentas e métodos destinados a sublinhar semelhanças entre culturas ou dar conhecimento sobre culturas particulares. A maioria deles não vai além da perspetiva etnocêntrica e não desenvolve a capacidade de reconhecer as diferenças. A ideia central do jogo são os conflitos interculturais, que podem aparecer na interação de pessoas de diferentes culturas.

*O desenvolvimento da sensibilidade intercultural pode ser o caminho para cruzar a fronteira do etnocentrismo e passar para o etnorelativismo*

O aumento da diversidade cultural em diferentes contextos exige habilidades de adaptação ao ambiente desconhecido e de aprender a trabalhar e viver produtivamente com pessoas de diferentes origens culturais, dando destaque à sensibilidade intercultural. O desenvolvimento da sensibilidade intercultural pode ser o caminho para cruzar a fronteira do etnocentrismo e passar para o etnorelativismo, que aceita as diferentes formas de organização do mundo ao nosso redor, ou seja, as culturas.

O jogo é baseado na teoria do Modelo de Desenvolvimento de Sensibilidade Intercultural e nas Dimensões Culturais descritas no capítulo dois. O formato simula uma viagem por diferentes países, com o objetivo de chegar o mais rápido possível ao destino final. Durante o jogo os/as participantes têm de responder às perguntas e enfrentar os desafios para ganhar os crachás, que são necessários para atravessar a fronteira e seguir em frente. Os desafios são apresentados na forma de cartas culturais e de cartas trívias.

**As cartas culturais** foram elaboradas por representantes de cada uma das culturas visadas com antecedentes migrantes, que lhes permitiu sentir as diferenças culturais ao mudar-se para outro país. Foram criados com base em generalizações culturais, ou seja, afirmações sobre uma cultura que permitem supor ou prever como um/a representante dessa cultura pode comportar-se. As cartas culturais visam desenvolver a compreensão da etiqueta, do que fazer e do que não fazer, a compreensão da situação a partir da perspetiva local e a compreensão crítica de diferentes visões de mundo. As respostas referem-se muitas vezes às dimensões culturais e procuram dar a explicação da situação. Pode ser tratado como uma sugestão e não há problema se, durante o jogo, os participantes decidirem que a resposta dada foi próxima da proposta. As explicações não devem ser tratadas como a única resposta correta. As cartas culturais devem provocar discussão e reflexão sobre diferentes visões do mundo, valores e crenças. Algumas das cartas culturais são sobre etiqueta e contêm dicas sobre como evitar um constrangimento.

**As cartas trívias** complementam as cartas culturais, fornecendo factos e informações sobre geografia, história, questões sociais e cultura. Nestas cartas, de escolhe múltipla, apenas existe uma resposta correta.

*Desenvolver competências interculturais não implica saber tudo sobre a cultura, mas sim estarmos cientes das diferenças e, em interação com diferentes culturas, assumirmos que alguém pode ter uma perspectiva diferente*

O jogo não é a ferramenta certa para se tornar especialista numa determinada cultura, mas sim para tentar olhar para as situações de diferentes perspectivas. Desenvolver competências interculturais não implica saber tudo sobre a cultura, mas sim estarmos cientes das diferenças e, em interação com diferentes culturas, assumirmos que alguém pode ter uma perspectiva diferente. Isso permite-nos não tomar as coisas como garantidas, mas sim procurar a forma mais conveniente de interação que leve em consideração ambas as culturas. A comunicação intercultural não significa que temos de escolher uma cultura, nem que uma pessoa ou grupo deve adaptar-se aos comportamentos dos outros, mas que devemos ter a competência de ajustar o comportamento para levar em consideração as necessidades e normas do nosso interlocutor.

O jogo pode ser utilizado em situações educativas formais e não formais, em grupos multiculturais ou nacionais. É bom ter em mente que todos esses fatores podem influenciar a dinâmica do jogo. Em grupos interculturais pode-se gerar discussão sobre diferenças e semelhanças entre as culturas dos jogadores, e se nestes grupos estiverem incluídos representantes das culturas visadas no jogo, os mesmos podem dar explicações e informações adicionais às já fornecida nas cartas. Em grupos nacionais os participantes podem procurar informações adicionais na Internet ou o facilitador pode dar mais explicações, se necessário.

A utilização do jogo pode ser precedida por aulas/oficinas sobre cultura em geral, identidade, estereótipos e preconceitos. Durante o jogo alguns participantes podem discordar das situações descritas e da explicação proposta, principalmente sobre sua própria cultura. É bom dar espaço para a discordância

*É bom dar espaço para a discordância*

cia e explicar que a aprendizagem intercultural está focada na generalização, o que pressupõe que a maioria dos representantes da cultura reconhecerá essa situação como familiar. Em cada país haverá pessoas que não verão a situação como típica, mas provavelmente serão minoria.

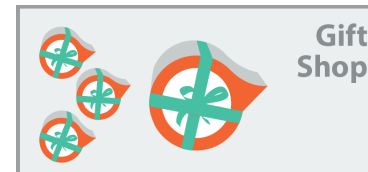
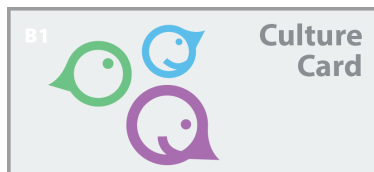
Os/As educadores/as podem adaptar o jogo às suas próprias necessidades e capacidades. É possível utilizar apenas alguns elementos do jogo, como as cartas culturais para discutir os conflitos interculturais e procurar diferentes estratégias para lidar com isso. Pode ainda ser usado para ensinar geografia ou questões sociais.

*Os/As educadores/as podem adaptar o jogo às suas próprias necessidades e capacidades*

No trabalho com pessoas migrantes ou refugiadas, o jogo pode fazer parte de uma formação orientadora, que os apoiará na compreensão da cultura dos países anfitriões.

Também pode ser usado como uma ferramenta de integração de migrantes recém-chegados na sociedade de acolhimento, proporcionando um melhor entendimento. Nesse caso, representantes da sociedade de acolhimento podem ser convidados a jogar em conjunto com os migrantes.

O jogo, como ferramenta, ajuda a concretizar os objetivos da educação intercultural, não só por fornecer conhecimentos teóricos, mas principalmente pela aprendizagem experiencial e pelo envolvimento emocional dos educandos e educandas. O jogo Culture Crossover oferece uma oportunidade para os/as jogadores/as vivenciarem situações de mal-entendidos devido a diferenças culturais e perceberem que as mesmas situações e comportamentos podem ser interpretados de forma diferente dependendo do contexto cultural.



## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos que estiveram envolvidos no desenvolvimento do jogo, especialmente àqueles que trabalharam nas cartas culturais e compartilharam conosco a sua própria experiência para descrever os confrontos culturais. Obrigada pela vossa consciência e abertura para refletir sobre ambas as culturas.

Obrigada a todos os que testaram o jogo e compartilharam conosco o feedback: durante os testes a nível local, no intercâmbio de jovens, no curso de formação e durante todas as reuniões informais, quando queríamos verificar se as atualizações faziam sentido.

Obrigada aos voluntários que fizeram a revisão das cartas culturais. Vocês não se preocuparam apenas com a linguagem, mas fizeram também as perguntas que ajudaram a melhorar o conteúdo.

Um agradecimento especial aos membros do Grupo de Jovens, que foram os consultores permanentes do jogo: do zero até a versão final. Maya Binge, Maria Dias, Yeva Hovsepyan, Antigoni Karampali, Viktoria Köhler, Alexa Ramgraber,

Julia Schlögl, Łucja Szoja, Martyna Szoja, vocês são pessoas incríveis que passaram um ano conosco para criar a ideia, fazer alterações e dar repetidamente feedback. Vocês nunca duvidaram do processo e até nos deram mais motivação para pensarmos maior. Os créditos do resultado são também vossos! Vocês são os/as melhores embaixadores/as do jogo, e é graças a vocês que temos esta ferramenta e que a podemos partilhar com outros trabalhadores/as de juventude para criar uma sociedade aberta à diversidade.

## REFERÊNCIAS:

Oana Nestian Sandu, Nadine Lyamouri-Bajja, "Mochila Pedagógica 4 Aprendizagem Intercultural 2ª edição", <https://pjp-eu.coe.int/en/web/youth-partnership/t-kit-4-in-tercultural-learning>, (acesso em 31.10.2022)

O Modelo de Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural, Resumo por Milton J. Bennett, Ph.D. (Revisto em 2014), <https://www.idrinstitute.org/dmis/>, (acesso em 31.10.2022)

Bússola de Cultura por Hofstede Insights, <https://www.hofstede-insights.com/product/compare-countries/>, (acesso em 31.10.2022)

